SABER ALVALADE

ARTE PÚBLICA

ROTEIRO DE UM BAIRRO

ESTÁTUA DE SANTO ANTÓNIO

a 500 metros...

Projecto de um monumento a erigir a Santo António

1

PROGRAMA

Artigo 1.º—Está aberto concurso pelo prazo de 180 dias a contar do dia seguinte ao da publicação do anúncio no *Diário do Governo*, entre artistas nacionais, para o projecto de um monumento a erigir a Santo António.

§ único—Entre os artistas autores de cada projecto haverá sempre um escultor e um arquitecto.

Art. 2.º—O monumento ficará localizado no cruzamento das Avenidas de Roma e da Igreja.

Art. 3.º—Os motivos ou símbolos da identificação do monumento de Santo António de Lisboa basear-se-ão na figura de Santo António, asceta, activo e combativo; pregador e missionário; teólogo eloquente, doutor da Igreja e venerado universalmente.

Art. 4.º—O monumento será construído com materiais de boa qualidade e de máxima resistência, atendendo-se na sua escolha à exposição do monumento às inclemências do tempo.

Art. 5.º — O concurso constará de duas provas, sendo a primeira eliminatória.

§ 1.º—Na primeira prova os concorrentes apresentarão as seguintes peças:

a) Desenho de planta de conjunto na escala de 1/500;

b) Planta ou plantas da estátua para cabal esclarecimento da obra projectada, na escala de 1/100;

c) Dois alçados na escala de 1/50;

d) Duas perspectivas diferentes do monumento;

e) Uma memória justificativa e descritiva do monumento;

f) Orçamento feito por estimativa.

§ 2.º—Os candidatos mais classificados nesta prova, até ao número de 5, serão admitidos à segunda prova.

§ 3.º—A segunda prova consiste na apresentação das seguintes peças em que os candidatos se obrigam a manter a concepção e a linha geral a que obedecerem as peças apresentadas à prova eliminatória;

a) Uma redução plástica do monumento pròpriamente dito, na escala de 1/10, com a colocação representativa dos diferentes materiais empregados;

b) Orçamento pormenorizado, acompanhado de bases de preço e de medições.

Art. 6.º—Os trabalhos serão assinados, mas todas as peças desenhadas ou escritas de cada projecto distinguir-se-ão por uma divisa que não permita a identificação dos autores. Acompanhando a remessa dos trabalhos devem os concorrentes apresentar um sobrescrito fechado e lacrado em que se contenham os nomes e moradas dos autores e se inscreva exteriormente a respectiva divisa.

§ 1.º—Os trabalhos da primeira prova devem ser entregues na Repartição de Acção Cultural (Palácio Galveias—Campo Pequeno) até às 16 horas do último dia útil do prazo do concurso.

§ 2.º—O prazo de entrega dos trabalhos respeitantes à segunda prova será de 90 dias a contar da data da publicação no *Diário Municipal* do nome dos candidatos admitidos.

§ 3.º—Todos os trabalhos deste concurso, aprovados ou não, serão expostos em lugar público durante 10 dias, depois de tornada pública a classificação final do júri.

Art. 7.º—O júri para apreciação das provas deste concurso será constituído por vogais designados pela Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes (1), Escola Superior das Belas-Artes de Lisboa (1), Academia Nacional de Belas-Artes (1), Patriarcado de Lisboa (1), Câmara Municipal de Lisboa (2), que designará um seu representante para presidente do júri, o qual, em caso de empate nas votações, terá voto de qualidade.

2

EDITAL

N.º 161/70

Faz-se saber que pelo prazo de 180 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no *Diário do Governo* está aberto concurso, entre artistas nacionais, para o projecto de um monumento a erigir a Santo António, a localizar no cruzamento das Avenidas de Roma e da Igreja.

O processo do concurso encontra-se patente, todos os dias úteis, na D. S. C. C.—4.ª Repartição—Acção Cultural (Palácio das Galveias—Campo Pequeno), nas horas de expediente e o seu programa foi publicado no *Diário Municipal* n.º 10 672, de 16/9/70.

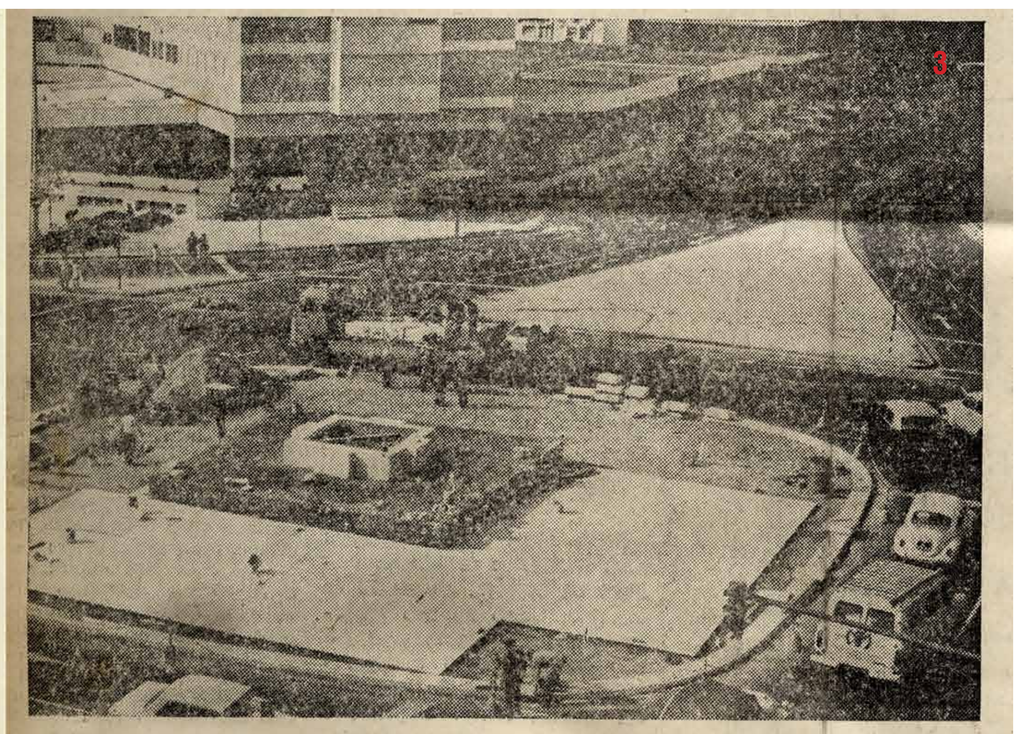
Os trabalhos da primeira prova devem ser entregues na referida Repartição até às 16 horas do último dia útil do prazo do concurso.

Paços do Concelho de Lisboa, em 16 de Setembro de 1970.

O Presidente,

(a) *Fernando Augusto Santos e Castro.*

3



A Praça de Alvalade, onde, no próximo dia 4, vai inaugurar-se a estátua de Santo António

4

Esta é a estátua de Santo António, ainda no chão, que amanhã será inaugurada, às 11.30 h., na rotunda do cruzamento da Avenida de Roma com a Avenida da Igreja (Bairro de Alvalade). A figura e a vida do santo nascido em Lisboa serão evocadas pelo prof. dr. Francisco da Gama Caeiro.

António Duarte, que esculpiu a estátua, acompanhou ontem os trabalhos da montagem.

5

NA INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

SE UM MONUMENTO É NA CIDADE MEMORIAL PARA TODOS, ELE DEVE SERVIR SOBRETUDO DE LIÇÃO VIVA PARA AS NOVAS GERAÇÕES

— DISSE O PROF. FRANCISCO DA GAMA CAEIRO

*** PRESIDIU À CERIMÓNIA O SENHOR PATRIARCA**

Em cerimónia solene, presidida pelo Patriarca de Lisboa, foi inaugurado, ontem de manhã, na Praça de Alvalade, um monumento a Santo António.

Após ter descerrado a placa de bronze do plinto que sustenta a estátua de Santo António, e na qual se lê «Santo António — Padroeiro de Portugal — 1195/1231», o Senhor D. António Ribeiro benzeu o monumento, dirigindo-se, a seguir, na companhia do eng.º Santos e Castro, para a tribuna de honra, onde esteve ladeado pelo embaixador da Itália em Portugal; pelo cardeal de Pádua, dr. Ettore Bentsik; pelos presidente e vice-presidentes da Câmara Municipal de Lisboa; pelo presidente do Tribunal da Relação; provinciais das ordens dos Franciscanos e dos Capuchinhos; governador militar de Lisboa; comandante-geral da P. S. P.; director-geral da Administração Política e Civil do Ministério do Interior; presidente do conselho de administração da Empresa Pública de Urbanização de Lisboa, e por outras individualidades, entre as quais quatro vereadores do Município de Pádua.

Na assistência ao acto inaugural viam-se ainda vários artistas, como Leopoldo de Almeida, Joaquim Correia, António Lino, Estrela Faria, etc.

Estavam também presentes elementos da Ordem Franciscana, Monsenhor D. João de Castro e Monsenhor Avelino Gonçalves, cónego Amaro Teixeira, cónego dr. Isaías da Rosa Pereira, Monsenhor Adriano Botelho, padre J. Teodoro M. da Silva e outros membros do clero diocesano.

A guarda de honra ao monumento foi feita por elementos das corporações de bombeiros da cidade, vendo-se também no local uma delegação do Grupo Onomástico «Os Antónios», com o estandarte da associação.

A oração oficial da cerimónia foi proferida pelo prof. Francisco da Gama Caeiro, que começou por saudar o Patriarca de Lisboa, o embaixador da Itália e o presidente do Município da capital, referindo-se ao eng.º Santos e Castro como «esclarecido intérprete dos superiores interesses do povo de Lisboa».

Dirigindo-se às autoridades civis, militares e religiosas presentes, bem como ao vasto público que se comprimia, no cruzamento das avenidas da Igreja e de Roma, para assistir à inauguração, o orador disse:

«Desejaria começar estas breves considerações por formular uma pergunta, e que é dúvida a pairar em alguns espíritos: — na verdade, certas interrogações podem directamente apontar para o ramo a prosseguir, e sugerir desde logo uma resposta. Terá sentido erigir um monumento a uma distante figura medieval — na presente situação portuguesa, neste momento em que a inteligência e a capacidade criadora colectivas andam empenhadas na tenaz construção do presente e na prospectiva preparatória do Futuro e quando parece — no menos como fenómeno e de sensibilidade — já não terem lugar comemorações de um passado remoto, de algum modo a traduzir insistência anacrónica em glorificar grandezas pretéritas?»

Uma figura de austera sobriedade e grandeza

E, mais adiante, depois de analisar até que ponto a História figura como um dos elementos constitutivos a considerar na concreta realização da comunidade nacional contemporânea, afirmou:

«Interpreto a História, não como um passadismo morto, ou um arquivo de acontecimentos que nos são alheios, mas, exactamente ao contrário, como um «estar sendo» em que o Passado se transcende ao manifestar-se no Presente, isto é, como algo de dinâmico e de vivo a transmitir-se e a projectar-se no presente, a perdurar no presente, do qual participamos como fonte de energia vitalizadora, e que em última razão vem modelar e estimular os nossos actuais padrões de valor e os projectos futuros duma comunidade.»

(Continua na 2.ª página).

6

7

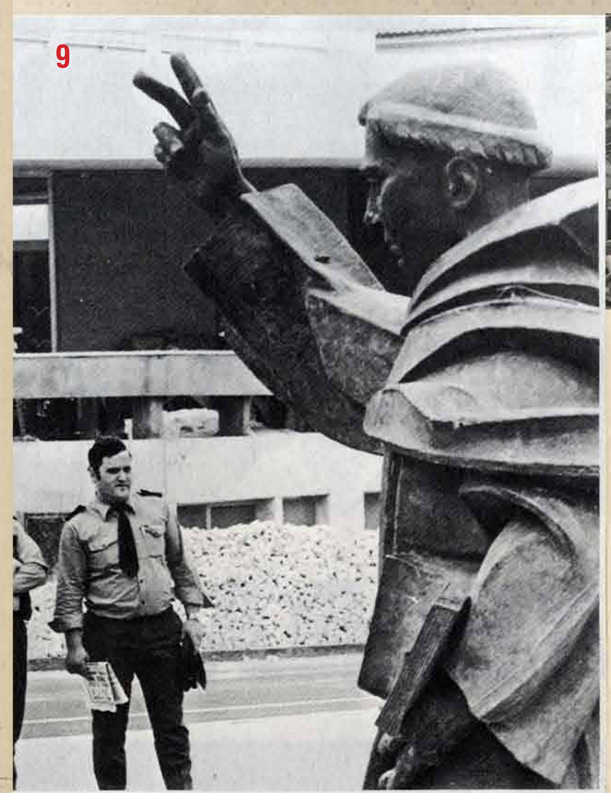
monumento a Santo António. À frente, o Patriarca de Lisboa, acompanhado pelo presidente da Câmara Municipal,

8

NO BAIRRO DE ALVALADE

A ESTÁTUA DE SANTO ANTÓNIO foi ontem inaugurada em cerimónia presidida pelo patriarca de Lisboa

9



10

SANTO ANTÓNIO VOLTOU À SUA TERRA

Um grande vulto da civilização portuguesa está agora aqui à porta do "Observador", numa praça que, tendo mudado há muito pouco tempo de designação, bem poderia ter-lhe herdado o nome. Trata-se, como se sabe, de Santo António, de Lisboa e de Pádua, pela ordem, o nosso Santo Antoninho da que o povo lisboeta é devoto para além de toda a literatice, a procura de pitoresco fácil, a falsa cangalhada folclórica que lhe foi sendo associada. Bem o disse Gama Caeiro na alocução que proferiu durante a cerimónia do "descerramento", e que pedia outro ambiente para ser escutada. Porque não o foi, simplesmente, no tumulto do trânsito que não parou de circundar o monumento, a lembrar-nos quanto a praça é pequenina — para o trânsito e para o Santo. Tanto que o número de acidentes aqui ocorridos levou a inevitável sátira alfacinha a alcunhar o Santo de "traumaturgo" — em vez de taumaturgo. Mas isto é outra história. Porque o leitor que nos lê nas distantes paragens da Estrela ou de Belém (não falo da Baixa, porque daí fàcilmente cá chegará se lhe sobejar o físico ou o horário para apanhar o metro), ou da província ou do Ultramar, quererá saber como é realmente o monumento, se "fica bem", se é coisa consentânea com a grandeza do santo. Tentemos responder.

A praça onde ele está é alta, mas reduzida em relação à altura. Quer dizer que, à medida que se for povoando de estabelecimentos (pois, além do mais, é nova e só agora se localizou cá uma terminal do Metro), vai diminuir de tamanho, vai ficar superpovoada, vai ser mais complicado nela estacionar. Portanto, o nosso Santo, que tanto associamos à alegria de viver em paz com Deus e com os homens, vai ficar incrustrado em pleno mau-humor, num quisto de lufa-lufa, tanto mais embirrenta quanto era escusada. Sendo assim, é fácil calcular como a sua presença, se é benquista em todas as suas implicações espirituais, é ligeiramente embaraçante em termos de condução automóvel, obriga a voltinhas, empata, e vai custar muito dinheiro daqui a meio ano, quando as autoridades descobrirem que afinal estavam erradas. E, em silêncio, nós pagaremos. O costume.

É agora, o monumento: divide-se em estátua e pedestal, como é de ver. E se o pedestal parece construído numa ampliação do "Lego" com que as crianças fazem construções (cubos pretos de mármore polido alternando com cilindros brancos), a estátua do santo, que levanta o braço direito em gesto de pregador e olha para baixo, parecendo figurar a tradicional pregação aos peixes, essa é realmente uma estátua digna desse nome, obra de escultura que (desculpem o lugar-comum) veio "enriquecer a cidade". António Duarte a esculpiu, e deve ter sentido quão mais fácil é vestir uma escultura humana com um hábito, como se impunha. Pois está logo de início vencida a dificuldade que teve para vestir Camilo Castelo Branco, que está noutro largo da cidade, também pequeno demais para a grandeza do escritor. Por tal sinal.

Por baixo da peanha não há lago nem peixes (adequando, talvez, o enquadramento à intenção do escultor), mas um quadrado de mármore com os ângulos boleados, a tornar ainda mais pequena a rodelazinha destinada aos carros.

E assim vai Lisboa — com a saia cor do mar cada vez mais longe. ■

Fernando (Santos e Castro) homenageia Fernando (Bulhões).

À nossa reportagem acompanhou o acontecimento desde a primeira pedra até à inauguração. Lisboa fica a dever a António Duarte (à dir.) um dos seus mais belos monumentos.

Em 16 de Setembro de 1970, por concurso aberto a artistas nacionais, a Câmara Municipal de Lisboa anunciava a intenção de erigir um monumento a Santo António, no cruzamento da Avenida de Roma com a da Igreja. Sairia vencedor o projeto do escultor António Duarte e do arquiteto Carlos Antero Ferreira. A peça escultórica correspondia ao enunciado no aviso de abertura: pretendia-se um Santo António "asceta, activo e combativo; pregador e missionário; teólogo eloquente, doutor da Igreja e venerado universalmente". A estátua, em bronze, com 5,5 metros, assente em pedestal de mármore, com um peso conjunto de 78 toneladas, atinge na praça os 12 metros de altura, e revela a linha estética do autor, marcada pela sobriedade formal, solidez e vigor expressivo. A inauguração do monumento aconteceu em 5 de Outubro de 1972, ocasião em que a Praça de Alvalade (até então Praça Frei Luís de Sousa) recebeu o seu nome atual. Carlos Antero Ferreira revelaria mais tarde que o monumento construído não respeitou integralmente o projeto, que previa a ocupação da placa central da praça com um amplo relvado. O elemento verde surgiria no final dos anos 80 com a plantação de laranjeiras nas placas laterias, as quais viriam a desaparecer no ano de 2009.

legenda

1. Diário Municipal, Nº10672, 16 de Setembro de 1970, pág.14
2. Diário Municipal, Nº10675, 19 de Setembro de 1970, pág.13
3. Novidades, 1 de Outubro de 1972, pág.1
4. Novidades, 3 de Outubro de 1972, pág.1
5. Novidades, 5 de Outubro de 1972, pág.1
6. Diário de Notícias, 5 de Outubro de 1972, pág.4
7. Novidades, 5 de Outubro de 1972, pág.1
8. Diário de Notícias, 5 de Outubro de 1972, pág.4

9 e 10. O Observador, Nº87, 13 de Outubro de 1972, pág.12-14

LEIA AS NOTÍCIAS COMPLETAS NO SITE blx.cm-lisboa.pt

LISBOA BLX BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA
há 130 anos a ler em Lisboa
1883-2013

ANA BRANCO 2013